

JOINVILLE, SC, 8 DE MARÇO DE 1997

*Senhor Governador do Estado, Dr. Paulo Afonso; Meu amigo, Prefeito de Joinville, Luiz Henrique da Silveira; Ministro Alcides Saldanha, dos Transportes; Senhor Vice-Governador do Estado de Santa Catarina; Senhor Presidente da Assembléia, Deputado Francisco Kuster; Senhores Parlamentares; Senhores Funcionários da Datasul, e me envergonho de não nominar um por um, de memória, como fez o Prefeito Luiz Henrique, mas estendo a saudação a todos aqueles que ele nomeou aqui, antes de mim,*

Quero, de maneira muito direta, muito simples, traduzir o meu mais profundo agradecimento por tudo que vi aqui, em Joinville, e, agora, pelo que eu ouvi, pela generosidade das palavras que foram proferidas.

Em primeiro lugar, quero salientar o significado efetivo desta inauguração da Datasul e as palavras do Presidente Miguel Abuhab, que traçam, de maneira singela, mas traçam, o perfil do Brasil que está emergindo. Acho que o testemunho do Doutor Abuhab vale mais que muitos tratados. Ele mostrou que vem de família de origem humilde – a mãe turca, o pai de Israel –, que estudou no Senai, que se formou no ITA, com bolsa de estudos, e que hoje não apenas dirige uma empresa,

mas dirige uma empresa que compete em nível mundial e que se integra nessa produção que se está globalizando.

Isso, de alguma maneira, resume a história da evolução recente do Brasil. E resume de maneira direta, pessoal, que é a mais simpática e é a mais imediata, para que se entenda o quanto este país tem avançado. E o quanto tem avançado guardando aquilo que é essencial: a capacidade de permitir que haja mobilidade social. Um país que não faz com que aqueles que nasceram sem condição inicial de sucesso permaneçam assim. É verdade que muitos não conseguem, ainda, fazer esse percurso, mas já há os que o fazem, e eles já são muitos, numerosos. E este país, para ter a vitalidade que tem hoje, é porque foi capaz dessa porosidade social, foi capaz de permitir que houvesse uma transformação também do que hoje se chamam as elites, que elas não se fechassem e que não impedissem a emergência do novo.

De alguma maneira, a trajetória de vida do Doutor Miguel Abuhab é o exemplo dessa transformação do Brasil. Ele mencionou alguns pontos que me parecem muito pertinentes, alguns até me tocam quase que de perto. Primeiro, estudou no ITA. Nessa época, o Ministro da Ciência atual, que sucedeu, anos depois, o Deputado Paulo Henrique no Ministério da Ciência e Tecnologia, o Ministro Israel Vargas, trabalhava no ITA. Fazia pós-graduação no ITA e trabalhava no ITA. E ele vinha, freqüentemente, a São Paulo, onde eu vivia. Eu morava no mesmo prédio em que morava um grande físico brasileiro chamado Mário Chamber. E nós passávamos noites afora com o Vargas e com o Chamber e eu não entendia nada, me dava uma inveja tremenda ver aquelas pessoas falarem de coisas abstratas, mas que a gente pressentia serem coisas que teriam significado na transformação do Brasil.

Eu fui muitas vezes ao ITA. Fui como professor, para visitar, fui como político, para angariar votos, fui para apoiar, fui para ser criticado, fui para criticar. E o ITA é uma grande organização.

Tem razão, Doutor Miguel Abuhab: os que tiveram a visão de fazer organizações como o ITA, como o Senai, plantaram este Brasil de hoje. O Brasil de hoje é fruto de um certo visionarismo, da capacidade, muitas vezes, de antever o que parece impossível. É fruto da persistência

dessas pessoas que lideraram a formação de organizações inovadoras. No mundo moderno, quem não for capaz de inovar não será capaz de sobreviver.

Hoje, esta empresa que aqui está sobrevive e avança, porque ela inova. E ela só pôde inovar porque houve outros, antes, que inovaram. Este país tem tradição nesse sentido. Joinville é o exemplo disso, porque aqui também se inovou. E nós assistimos, hoje, a essa inovação concretizada na Datasul e concretizada na Embraco, que também foi uma empresa renovadora. Eu vi na China Popular o que ela está fazendo lá, está ensinando a produção na China Popular. Vi e soube das dificuldades em fazer com que houvesse uma mentalidade lá também inovadora e a aceitação de uma disciplina democrática de trabalho, que é muito diferente da disciplina que deriva, simplesmente, do impulso que a própria máquina dá ao trabalhador, porque é uma disciplina que vem do convencimento do trabalhador sobre a importância do seu trabalho e a noção que ele possa ter do que esteja, ele próprio, fazendo no conjunto da produção.

É assim que aqui, em Joinville, se vê esse Brasil novo, que é um Brasil que, cada vez mais, vai depender do conhecimento e, cada vez mais, vai depender da inovação. Essa inovação não se fará se não houver, como foi dito pelo Doutor Miguel, uma base educacional mais ampla, não se fará. É por isso que, com muita incompreensão, às vezes, o Governo tem se empenhado, basicamente, em dar recursos para o ensino primário, para a formação básica.

Muitas vezes, alguns setores, até mesmo universitários, reagem à falta de verba, que é verdadeira. Mas houve uma opção: a de que nós teríamos que, primeiro, movimentar, de fato, a educação básica, a escola primária, sem a qual, sem que exista uma massa capaz de permitir essa porosidade, nós teríamos, simplesmente, a reprodução das elites. E para que a reprodução das elites não mate o Brasil amanhã, sendo elas fechadas nelas mesmas, é preciso que se abra a educação para aqueles que não pertencem às elites, para que, no dia seguinte, possam vir a pertencer pelo saber e não pela riqueza. Que a riqueza seja a consequência do saber. Aí, se justifica. Mas que não seja, pura e simplesmente, a

conseqüência da herança, quando, então, não se justifica a manutenção das elites.

De toda maneira, essa transformação que está ocorrendo no Brasil exige, também, uma atenção especial ao ensino superior. Na semana que vem, anunciarei, em Brasília, um programa de 1 bilhão – 1 bilhão de reais – para o equipamento das universidades. É a primeira vez, depois de muitos anos, que se começa a reequipar a universidade brasileira. E, brevemente, o Ministro da Educação, Paulo Renato, anunciará já o início de um programa de formação em computação, fazendo com que, primeiro, em núcleos pequenos, depois se espalhando pelo Brasil afora, milhares de estudantes tenham acesso à computação e possam aprender a lidar com o computador. Quem não souber lidar com o computador, no dia de amanhã, será analfabeto, o analfabetismo do futuro é a capacidade de lidar com a informática.

Nós vamos, sim, fazer isso. Haverá críticas de que os recursos serão mal utilizados, de que não haverá capacidade de treinar, de que haverá desperdício, como houve críticas quando utilizamos o sistema de educação a distância, pela televisão. Mas, hoje, já há mais de 50 mil escolas que têm televisões, têm antenas e recebem o treinamento. Isso vai se aperfeiçoando. Como houve crítica com o Siscomex, também, quando nós informatizamos todo o nosso sistema de exportação e importação. Houve muitas críticas. Hoje, lêem nos jornais que o sistema funciona normalmente.

Começa-se errando. O mal não é errar no começo, o mal é persistir no erro. E erro maior é não ousar, não fazer. Vamos ousar, vamos dar equipamento à universidade e vamos generalizar a formação em informática para os nossos estudantes – não na universidade – desde a escola primária. Vamos mudar a formação do Brasil. Leva tempo. Mas o Brasil tem consciência da sua potencialidade e, portanto, tem paciência, sob condição de que sinta que as coisas estão começando a caminhar. Por sorte, elas estão começando a caminhar.

De modo, Doutor Miguel, que as suas palavras encontram em mim acolhida plena, no que diz respeito à importância desse tipo de trabalho que aqui está sendo feito.

Quero aproveitar, também, primeiro, para dar um pequeno depoimento pessoal e, depois, para generalizar o que está acontecendo aqui, nesta Datasul, e a importância disso para a inserção do Brasil na globalização em curso. Recordo-me que, em 1971, eu era professor na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, em Palo Alto, professor de Sociologia e de Ciência Política, Sociologia, na época. E, naquela altura, lá, era a Guerra do Vietname. O *campus* era nervoso, agitado, com muitas manifestações em prol da paz e contra a guerra, às quais eu me associava com muito empenho.

Pois bem, havia lá, em Stanford, uma organização que se chamava Centro de Inteligência Artificial. Era o começo da generalização da utilização da informática nos sistemas produtivos que nós vimos hoje, aqui. Eu tinha um amigo chileno que trabalhava nesse centro e fui, mais de uma vez, visitá-lo. Ali havia umas máquinas que andavam sozinhas, porque estavam tratando de fazer o que se chamava inteligência artificial. Vi as primeiras tentativas, lá, em Stanford, da utilização dos computadores para que eles pudessem funcionar como se fossem braços capazes de levantar pilhas com certo peso e que se poderia, se se falasse inglês correto – o que não era o meu caso –, com a pronúncia certinha, dar a ordem, falando, e o computador era capaz de obedecer e fazer com que as pilhas amarelas fossem empilhadas de um certo jeito e as vermelhas de outro jeito.

Tudo aquilo me fascinou enormemente, sobretudo num dos computadores, porque havia um neurótico que tinha mania de perseguição – eu nunca tive. Mas, de qualquer maneira, se estabelecia uma conversa com o computador, de repente ele dizia: “Não é da sua conta. Vai-se embora. Eu estou com medo. Você vai me prender.” Era um começo, um pouco no espírito, com toda a criatividade, um pouco jocoso, do que havia em Stanford, e, ao mesmo tempo, era o fundamento dessa imensa transformação que, nas décadas subseqüentes, aconteceu. E lá foi um dos centros mais importantes para a generalização da utilização das novas técnicas de digitalização e da informática no sistema produtivo direto, sem falar na formação, como hoje, aqui, do *software*.

Eu disse isso apenas para mostrar o quanto, em tão pouco tempo, tudo mudou. 1971. Estava-se ainda tateando o tipo de possibilidade da utilização dessas técnicas mais avançadas.

Hoje, a capacidade brasileira de desenvolver, sobretudo no *software*, mais que no *hardware*, no meu ponto de vista, programas novos e de competir em nível internacional é imensa. No Rio de Janeiro, nós estamos organizando, agora, um centro importante de formação de núcleos de informatização também. Aqui, estamos vendo o que está acontecendo: esta empresa está se associando a outras empresas, competindo e exportando.

E não tenhamos dúvida, é essa a maneira pela qual nós podemos enfrentar o grande desafio da globalização. Não é só a informática, naturalmente. Não é só o *software*, mas é também a nossa audácia de nos jogarmos no grande mar, às vezes encapelado, da competição internacional. Aqui, é preciso que fique bem claro.

Recentemente, estive na Itália e deparei, na casa do Presidente da Itália, com uma pessoa que conheci há muitos anos. Chama-se Giorgio Napolitano. Quando conheci, era líder do Partido Comunista Italiano. Hoje, é Ministro da Justiça do Governo italiano. E Giorgio Napolitano, quando estive no Brasil, deu uma entrevista a uma das nossas revistas que me impressionou e que citei, várias vezes. Ele dizia o seguinte: “A internacionalização das economias é um fato. A questão que se coloca é saber se nós vamos nos internacionalizar ou se eles nos internacionalizarão”.

Essa pequena diferença, quem não enxergar não vê nada. Quem não perceber o esforço imenso que o Governo brasileiro está fazendo com os seus empresários, para que nós definamos uma maneira pela qual nós nos internacionalizemos, e ficar imaginando que nós estamos, pura e simplesmente, deixando de cuidar dos interesses do País em função da globalização, não vê. E o pior cego é o que não quer ver. Há quem não queira ver, porque, ao reconhecer isso, perde a linguagem, perde o discurso. Mas, na prática, o que o Brasil está fazendo é se posicionando nesse novo desafio de uma maneira soberana, tomando as decisões pertinentes para uma integração soberana na nova ordem internacio-

nal. Sem arrogância, porque a soberania de hoje é compartilhada. É com associações, é com *joint-ventures*, é indo para a China, para a Itália, para a Alemanha ou para onde seja e, sobretudo, para o Mercosul, para que nós tenhamos mais força, mais capacidade, para que nós possamos, então, aceitar como uma coisa positiva para nós a integração hemisférica, sob condição de que nós tenhamos já um certo treinamento e tenhamos capacidade de definir o que nos interessa e o que não nos interessa, que barreiras terão de ser quebradas para que nós possamos aceitar quebrar algumas outras nossas, aqui.

E isso é fundamental. É fundamental, nesse processo todo, que empresas, como esta, que são fruto da criatividade, da organização e da capacidade de audácia desse povo catarinense – somado, naturalmente, a uma pequena contribuição paulista, não é? (*risos*) – e essa capacidade que nós temos de aliança entre nós próprios e com os outros, para que nós possamos mudar as coisas para que elas se concretizem.

É por isso que eu vim aqui, com muito entusiasmo, à inauguração, porque este tipo de obra é fundamental, como é fundamental ser capaz de produzir compressores de motores na proporção que estamos produzindo aqui, no Brasil, aqui, em Santa Catarina, na Embraco, e competir pelo mundo afora. Esse é o nosso desafio.

Pois bem, ao agradecer, ao dizer o sentido dessa minha vinda aqui, eu queria dizer também que as palavras proferidas pelo Governador e pelo Prefeito são palavras de generosidade.

O Prefeito Luiz Henrique é um amigo. Nós compartilhamos de muitas experiências políticas, no passado e no presente – ele já disse aqui, não preciso repetir – e compartilharemos, certamente, no futuro. É verdade que estive em Joinville muitas vezes, em algumas delas prestando atenção a certos problemas específicos da cidade, como estive em outras cidades de Santa Catarina, com o mesmo propósito, para conhecer um pouco mais de perto a realidade brasileira e tentar ver de que maneira equacioná-la melhor.

Mas é verdade, também, que a decisão que ele disse ter tomado – e tomou, efetivamente – foi correta. Talvez eu tenha perguntado por que ser prefeito, porque eu não consegui ser. E talvez tenha sido essa a razão

pela qual tenha uma pontinha de inveja daqueles que conseguem ser prefeitos, porque o prefeito está ali, na linha de frente, conversando com a população da sua cidade e é o primeiro depositário da reclamação e também do aplauso da população. Portanto, creio que ele tomou uma decisão correta.

Hoje, estou convencido de que foi muito correta, porque, ao voltar aqui, em Joinville, ao ver as transformações desta cidade, ao crer, como creio, na capacidade imensa deste povo catarinense, não tenho dúvida nenhuma de que ele fez aquilo que devia ter feito. E Santa Catarina, como os demais estados do Brasil, contará com o apoio do Governo da República, sem perguntar nada, como não pergunto – partido, ou se vai fazer isso ou vai fazer aquilo. Pergunto só se a obra é boa, se, na parte social, é necessário mesmo estar sendo o gasto. E, se for boa a obra, se o gasto for correto, havendo recursos, contarão sempre com o meu apoio.

Já que falei de haver recursos, vou pedir emprestado um desses programas que vi aqui embaixo, porque acho que é muito bom que a República também saiba – é verdade que nós temos já o nosso Siafi, que mostra os dados que estão sendo produzidos sobre os gastos da República –, mas é muito bom que todos os brasileiros percebam que há limites. Há coisa que se pode e coisa que não se pode. Aquele que exerce o poder democrático tem o dever de dizer “não”, quando não pode, e de dizer “sim”, se for possível e se for útil. E é bom que a população entenda as razões de por que sim e por que não. Os “sins” que foram dados a Santa Catarina eram necessários, não foi só porque eu disse na campanha que faria, antes de dizer eu fui ver se podia. E, depois de Presidente, fui ver se havia ou não condições. E, quando não havia, como no caso da BR-101, fomos buscar lá fora. Isso já vinha de antes, dos governos do estado e da República anteriores. Fomos buscar lá fora, continuamos, prosseguimos e, agora, temos.

Perdoem por ter-me estendido um pouco além do limite. Quero agradecer, mais uma vez, as recordações que levo de Santa Catarina, as vivas, as que estão nos quadros que me foram dados, de artistas de Santa Catarina.

Quero dizer também que, estando longe de Brasília, como hoje é o Dia Internacional da Mulher, eu não encontrei meio melhor de mani-

festar a minha solidariedade com as mulheres, que têm lutas por sua igualdade, que eu creio que são lutas da cidadania, lutas democráticas de todos nós, senão o de beijar três trabalhadoras, lá, da Embraco. E, de repente, uma me sujou de batom. E digo de público, para que na minha casa não pensem que a razão foi outra. (*Risos.*)

Mas volto para Brasília muito feliz por ter podido sentir de perto o carinho dos catarinenses e até alguma marca catarinense no meu rosto.

Muito obrigado.

